



D.S.A. UMA DISCIPLINA COMO UM ESPAÇO (DES)DISCIPLINAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Renato Marcondes¹

¹Especialista em Ensino de Química/renatomarcondes.renato@gmail.com

Resumo: Observando a necessidade de se abordar temas ditos transversais no contexto escolar, o estado de Santa Catarina realizou uma atualização curricular em 2014. Qual deu origem a uma disciplina totalmente voltada para este contexto, sendo o objeto de relato deste artigo. Tal disciplina denominada de D.S.A. destacou-se principalmente enquanto um espaço de intensa construção de diálogos, conhecimentos e opiniões dos próprios alunos, fomentando posicionamentos (edificados) políticos, sociais e morais, tão necessários no nosso atual contexto.

Palavras-chave: Temas Transversais, Ensino Fundamental, Construção de Conhecimento, Atualização Curricular.

1. Introdução

Sobre as relações de gênero e as diversidades sexuais no ambiente escolar:

Devemos lembrar que em sociedade, as relações de gênero e as diversidades sexuais existem em uma amplitude de possibilidades e condições anteriores, historicamente postas. Quem vem negando essa existência, experiência, conhecimento e liberdade de escolha individual é a escola, quando não discute tais relações, ou quando não as toma de forma direta e efetiva, preferindo as sombras. (CREMA, 2016, p. 59-60).

Inicia-se, portanto, este relato o construindo enquanto um ponto de luz, perante a obscuridade que muito se percebe no contexto escolar brasileiro, cruelmente atingindo por movimentos conservadores que buscam barrar o desenvolvimento de um currículo baseado em uma teoria pós-crítica. (LIMA *et al*, 2019). Assim, estendendo tais observações a todos os temas que compreendem a transversalidade necessária ao ensino, em um contexto tão diversificado quando que vivenciamos atualmente.

Observa-se que o currículo escolar não pode ser tomado enquanto um espaço neutro e engessado, pois, atua como um ambiente de formação dos sujeitos, um artefato cultural, plural e diverso. Constatando-se assim, uma crise no processo escolar, onde a disciplinaridade vem sendo contestada perante sua hegemonia, principalmente por propostas como a interdisciplinaridade, a contra-disciplinaridade, a transdisciplinaridade e a transversalidade, pautados em documentos oficiais tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN. (BARROS; RIBEIRO, 2012).

Alinhando-se a estas discussões, observa-se a atualização das propostas



curriculares, como a do estado de Santa Catarina, em 2014, onde:

O movimento de atualização da Proposta Curricular do Estado de Santa Catarina exprime a necessidade de uma Educação Básica que reconheça e assuma a diversidade como um princípio formativo e fundante do currículo escolar. (SANTA CATARINA, 2014, p. 54).

Compreendo tal diversidade como:

Esta noção nos remete à ideia de diferenças de identidades constitutivas dos seres humanos, das suas organizações sociais, etnias, nacionalidades, gêneros, orientação sexual, religiosidades. Enfim, diversidades de grupos sociais, de identidades do ser social em sua singularidade que se constituem em espaços, em ambientes, em tempos históricos com características diversas. Essas relações socioculturais constituem os sujeitos históricos, nas organizações de suas vidas sociais e políticas, nas suas relações com o ambiente e com outros grupos, na produção e reprodução de suas existências. (SANTA CATARINA, 2014, p. 54)

Por fim, tal atualização curricular também almejou um enfrentamento aos discursos dominantes e homogeneizadores, p.or meio da criação de espaços de discussão que atendam as transversalidades necessárias no ambiente escolar.

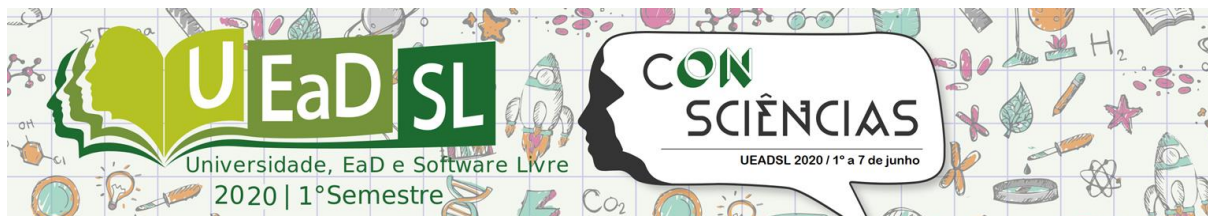
Com base nisso, objetiva-se com este trabalho, relatar o contexto de uma disciplina que buscou tratar temas transversais em uma perspectiva diferenciada, de uma forma (des)disciplinar, tal como os temas que a compõem necessitam.

2. O relato da disciplina

Com a atualização da proposta curricular do estado de Santa Catarina, e a necessidade de implementação de espaços para discussão sobre temáticas transversais que atendam as diversidades sociais, culturais e escolares, criou-se em um colégio da rede particular de ensino no referido estado, uma disciplina descrita a seguir.

Intitulada de D.S.A. (Drogas, Sexualidade e AIDS), foi estruturada para atender as demandas da atualização curricular supracitada. Sendo destinada neste formato para o ensino fundamental séries finais, ou seja, do 6º ano ao 9º ano, e neste contexto a disciplina não visava coibir a discussão de temas transversais nas demais disciplinas. Mas, criar um espaço extra dentro da grade curricular da escola para discutir temáticas que por vezes não teriam condições de serem abordadas com maior profundidade em outras disciplinas, haja visto a estrutura curricular atual brasileira.

A disciplina inicialmente chama de D.S.A. – Drogas, Sexualidade e AIDS, teve ao decorrer do seu desenvolvimento uma maior abrangência, porém, no ato da sua criação, acabou permanecendo com esta denominação, e compreende-se que as discussões levantadas neste espaço transcendem as ideias postas no seu título.



Entende-se que as propostas transversais visam justamente o trabalho dentro das disciplinas presentes na grade curricular, e não a criação de uma disciplina específica para elas, segregando ainda mais as temáticas, porém, pensando-se neste contexto, a proposta da escola permaneceu em se trabalhar os temas transversais permeando todas as disciplinas, porém, atendendo ao que a atualização curricular do estado de Santa Catarina sugere enquanto um espaço de discussão, criou-se esta disciplina, e bem como supracitado, visando desenvolver atividades e estudos, de uma maneira mais profunda que por vezes poderia ser difícil de se obter nas demais disciplinas escolares, em função do tempo disponível.

Com base no que foi descrito, entende-se o título que se dá ao trabalho, pois, esta disciplina atua enquanto um espaço (des)disciplinar, buscando estruturar-se enquanto um ambiente fora dos modelos tradicionais, permitindo uma abordagem totalmente aberta e receptiva aos alunos.

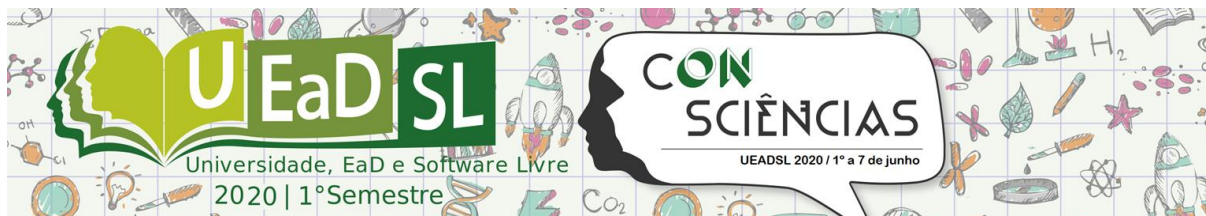
O autor deste relato, que também foi o professor responsável pela disciplina por um período de 2 anos (2017/2018), trouxe o relato desse desafio, que foi assumir esta disciplina, pois, nem sempre as temáticas transversais são abordadas durante a formação inicial, porém corroborado por Barros e Ribeiro (2012) compreendemos que todo professor pode atuar frente a tais discussões.

Nesse período de dois anos, frente a disciplina de D.S.A., um dos primeiros desafios e talvez o mais presente, foi o trabalho de mediação com os responsáveis dos alunos, onde durante as reuniões, que ocorriam trimestralmente, havia a necessidade de explicar os objetivos da disciplina, os temas tratados e as eventuais dúvidas que poderiam ser levadas para casa, contando assim também com presença destes sujeitos na linha de frente dessa disciplina, sendo que durante o período de dois anos, houve uma boa aceitação perante os responsáveis dos alunos.

Durante esse período, ao assumir todas as turmas, houve a possibilidade de formar um espaço estruturado, permitindo que trabalhos convergissem para um objetivo maior ao decorrer dos anos, que era a possibilidade dos alunos construírem seus conhecimentos acerca das temáticas abordadas, sob uma ótica crítica e significativa para seus discursos, se posicionando social e politicamente perante as situações.

Buscou-se estruturar a disciplina em um formato também interdisciplinar, haja visto que a transversalidade é compartilhada por diferentes saberes, buscou-se uma cooperação em diferentes áreas como as ciências biológicas, a psicologia, pedagogia, história, áreas da saúde, entre outras.

Tal aproximação se deu por meio de planejamentos interdisciplinares, intervenções por outros professores, participação em atividades desenvolvidas nas aulas, convites para palestras, oficinas entre outros.



Para além do desafio de estudar uma ampla diversidade de temas transversais, de extrema importância, foi também planejar aulas que atendessem as expectativas dos alunos, com adoção de metodologias ativas, autônomas, que despertassem a curiosidade, fomentassem um conhecimento significativo e crítico. Este espaço se mostrou também, um campo de muitas possibilidades para o professor, permitindo trabalhar em diferentes frentes, testar metodologias inovadoras, e principalmente ouvir os alunos.

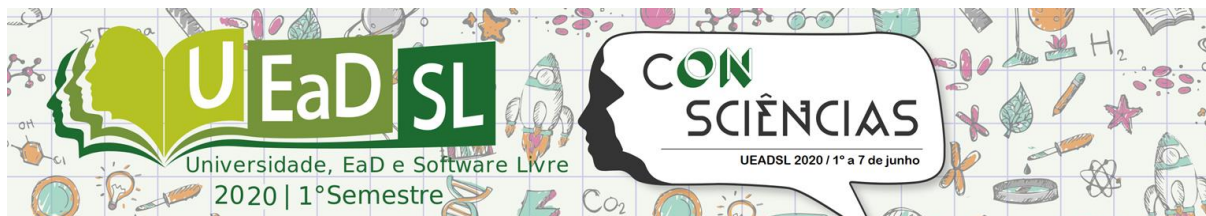
Do ponto de vista prático, a disciplina era composta por uma aula semanal, com duração de 60 minutos, inicialmente (no primeiro ano de atuação como professor desta disciplina) as avaliações seguiam o modelo padrão da escola, com provas, questões de múltiplas escolhas e afins, porém, a partir do segundo ano, o professor conseguiu maior abertura, iniciando uma reestruturação das avaliações da própria disciplina, haja visto que temas tão complexos, amplos e orgânicos, trabalhados em formato tão (des)disciplinado, não poderiam ser avaliados de tal forma, destacando que a escola se mostrou receptiva a tais mudanças, permitindo esse olhar inovador para os alunos.

2.1. Algumas ações desenvolvidas

A seguir descreve-se brevemente algumas ações desenvolvidas na disciplina, e que foram enriquecedoras.

Na turma de 6º ano, o professor utilizou uma caixa de perguntas, no início da aula todos os alunos recebiam um pedaço de papel em branco, onde poderiam anotar dúvidas que não se sentissem a vontade para realizar durante a aula, ou perante a turma, ao final da aula todos os alunos depositavam seus papéis dentro da caixa, estando com alguma anotação ou não, evitando assim o desconforto em ficar exposto ao realizar algum questionamento, as dúvidas eram respondidas de forma contextualizada ao decorrer das próximas aulas. E pode-se dizer que tal ação levantava os mais variados questionamentos dos alunos, seja sobre sexualidade, substâncias entorpecentes, IST (infecções sexualmente transmissíveis), entre outras.

Para o sétimo ano, um relato bastante pertinente foi a presença de uma das autoras de um livro que estava na bibliografia usada para o preparo das aulas (Gênero, educação e sexualidades: reconhecendo diferenças para superar [pré]conceitos). Esta turma em especial, era vista no colégio como uma turma de difícil acesso aos alunos e bastante agitada, porém no contexto desta disciplina, os mesmos se mostravam mais envolvidos e interessados, talvez pela temática, talvez pela abordagem. A referida autora promoveu uma palestra para esta turma sobre a temática gênero e representações sexuais, onde os alunos tiveram momentos muito enriquecedores, formulando perguntas muito pertinentes, interagindo de forma ativa. Sendo um momento de bastante aprendizagem.



Para o oitavo e nono ano, uma das atividades que mais se demonstraram ricas, foi uma oficina com a presença de um enfermeiro, sendo que para ambas as turmas foi realizado a mesma proposta, porém em momentos distintos. Como os alunos de ambas as turmas apresentavam dúvidas mais específicas, utilizou-se a estratégia da oficina com esse profissional, contanto com conteúdo como prevenção a IST, uso de preservativos, e assuntos afins, que foram surgindo durante o desenvolvimento da atividade.

Observou-se que ao decorrer da disciplina, os alunos foram se demonstrando mais ativos em seus questionamentos, formulando perguntas mais elaboradas e com uma maior autonomia. Sendo que tais inferências foram se somando ao decorrer dos anos de trabalho com essa disciplina, atribuindo-se também as atividades propostas para tal finalidade, como por exemplo: rodas de conversa, pesquisas, apresentação de estudos de casos, entre outros.

Destaca-se que as aulas abordavam assuntos pré estabelecidos, permeando a esfera da sexualidade, IST e também uso de substâncias entorpecentes, porém, também poderiam ser construídos juntamente com os alunos, tal como no nono ano, onde no início do ano, o professor levantou uma sequência de pontos em conjunto com os alunos, que eles julgavam pertinentes e interessante para o estudo, e os incluiu no planejamento ao decorrer do ano letivo.

Estes breves relatos e atividades, foram retirados do diário de classe particular do professor, onde eram anotado as situações e experiências.

3. Breves conclusões

Descreve-se aqui, breves conclusões, pois este espaço foi imensamente rico em experiências e aprendizagens, e, portanto, necessitaria de mais laudas do que aqui disponíveis para se apresentar todas as conclusões do autor e professor.

Destaca-se principalmente que este espaço, foi de intensa construção de diálogos, conhecimentos, e opiniões dos próprios alunos, fomentando um posicionamento (edificado) político, social e moral, tão necessário no nosso atual contexto.

Porém, observa-se a necessidade de uma maior preparação de professores na graduação para o trabalho com tais temáticas, em todas as áreas, haja visto que a base da transversalidade é sua abordagem em diferentes contextos do conhecimento.

Referência

BARROS, S. C.; RIBEIRO, P. R. C. Educação para a sexualidade: uma questão transversal ou disciplinar no currículo escolar? **Revista Electrónica de**



Enseñanza de las Ciencias. v. 11, n. 1, 2012, p. 164-187.

BUENO, A. S.; ESTACHESKI, D. T.; CREMA, E. V. (org.). **Gênero, educação e sexualidades: reconhecendo diferenças para superar [pré]conceitos.** Uberlândia: Ed. Dos Autores, 2016.

CREMA, E. C. Rûsen e o “novo humanismo” reflexões para a educação e a diferença. *In:* BUENO, A. S.; ESTACHESKI, D. T.; CREMA, E. V. (org.). **Gênero, educação e sexualidades: reconhecendo diferenças para superar [pré]conceitos.** Uberlândia: Ed. Dos Autores, 2016. p. 42-62.

LIMA, E. *et al.* Gênero, sexualidade e currículo: problematizando a permanência de alunos LGBTQTIQ na escola. **RELACult.** v. 5, ed. especial, abr. 2019. p. 1-20.

SANTA CATARINA. Governo do Estado. Secretaria de Estado da Educação. **Proposta Curricular de Santa Catarina: formação integral na educação básica.** Estado de Santa Catarina, Secretaria de Estado da Educação, 2014, 192 p.